

# CHAPEUZINHO VERMELHO: COMPARAÇÃO DE VERSÕES TRADUZIDAS NO BRASIL

CORDEIRO, L. P. – UFCG  
SANTOS, A. S. – UFCG

**Resumo:** Este trabalho tem por finalidade levantar discussões a respeito de algumas versões selecionadas do conto *Chapeuzinho Vermelho* traduzidas e/ou adaptadas no Brasil. Será realizado um estudo crítico-comparativo das versões do escritor francês Charles Perrault publicada no ano de 1697 e dos alemães Jacob e Wilhelm – mais conhecidos como “irmãos Grimm” – no ano de 1812, traduzidas para o Português Brasileiro. Enfatizaremos semelhanças e diferenças no campo literário, considerando a contextualidade e a intertextualidade, explicitando qual o propósito e as respectivas consequências das mudanças e/ou permanências de características para as diferentes leituras e públicos e, nos fundamentando em estudos de autores como: Venuti (2008), Toury (1978), Bassnett (1991), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Chapeuzinho vermelho; versões; características; mudanças.

## LITTLE RED RIDING HOOD: A COMPARISON OF VERSIONS TRANSLATED IN BRAZIL

**Abstract:** This work aims to raise discussions based on some selected versions of Little Red Riding Hood tale translated and/or adapted in Brazil. We will make a critical-comparative study of the french writer Charles Perrault's version published in 1697 and the germans Jacob and Wilhelm's – better known as “The Grimms” – published in 1812, translated into Brazilian Portuguese. By the way, we will emphasize similarities and differences in the literary field, considering contextuality and intertextuality, explaining which are the purposes and consequences of the characteristics' change for the different readings and public. Grounded on the studies of authors such as: Venuti (2008), Toury (1978), Bassnett (1991), among others.

KEYWORDS: Little Red Riding Hood; versions; characteristics; changes.

## Introdução

Nos pontos iniciais deste trabalho abordaremos informações acerca do conto *Chapeuzinho Vermelho*, que foi publicado oficialmente pelo escritor de origem francesa *Charles Perrault*, cuja obra se tornou popular no mundo inteiro e ganhou várias versões por autores consagrados na Literatura Mundial (LM). Entre as versões, a obra ganhou mais impulso com as várias traduções e adaptações para diversas línguas e culturas, fato este que revela a importância da Tradução no Campo Literário. Mais adiante, mostraremos de forma simplória algumas noções relevantes a respeito da articulação entre as áreas da Literatura e da Tradução, tal como algumas tarefas indispensáveis por parte do tradutor literário.

Em seguida, apresentaremos um estudo crítico-comparativo de duas versões brasileiras da obra *Chapeuzinho Vermelho*, uma originária do escritor *Charles Perrault* – traduzida por Regina Reis Junqueira – e outra, escrita pelos “irmãos Grimm” –

traduzida por Nilce Teixeira – que é considerada uma adaptação da obra de Perrault, buscando evidenciar, através de aspectos intertextuais e contextuais, as principais permanências e mudanças presentes entre ambas, e quais os efeitos de sentido poderão ocasionar no público-leitor.

## 1. Chapeuzinho Vermelho em foco

*Chapeuzinho Vermelho* é uma história tradicional da Literatura Brasileira e da Literatura Mundial, enquadrada no gênero literário *conto maravilhoso*<sup>1</sup>, que se tornou bastante popular entre o público infanto-juvenil e acadêmico. É originária da Europa, e “já era uma história antiga” (BETTELHEIM, 1996, p. 204), publicada pela primeira vez no ano de 1697, pelo escritor francês Charles Perrault, com o nome “*Le Petit Chaperon Rouge*”. Muitos estudiosos da Literatura comentam que uma série de *Fairy Tales*<sup>2</sup> criados nos séculos XVI-XVII na Europa eram contados oralmente “em torno às lareiras, nas cabanas dos camponeses, durante as longas noites de inverno” (DARTON, 1986, p. 21), até que um dia foram feitos os registros escritos e publicados. Dessa forma, pode-se considerar que Perrault seria apenas um coadjuvante, no sentido de recolher vários contos e fábulas populares da época, entre elas *Chapeuzinho Vermelho*, e publicá-los oficialmente em seu nome. *Chapeuzinho Vermelho* foi sendo disseminada entre as diferentes classes sociais da época e ganhando popularidade, até os dias hoje.

A partir deste conto, várias outras versões foram criadas e adaptadas ao longo do tempo por diversos autores renomados na Literatura Mundial, inclusive, autores contemporâneos, a exemplo de *Robert Coover*<sup>3</sup> e *Angela Carter*<sup>4</sup>, com os contos *The Werewolf*, *The Company of Wolves* e *Wolf-Alice*, publicados no livro *The bloody chamber and other stories* que ganharam pontos em comum com a obra de origem (*Chapeuzinho vermelho*) através da intertextualidade e paráfrases. Além disso, a obra

---

<sup>1</sup> *Morfologia do Conto Maravilhoso* do russo V.I. PROPP. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

<sup>2</sup> *Fairy Tales*: nome de origem Inglesa que remete aos contos de fadas, caracteriza tipicamente personagens folclóricos de fantasia, como fadas, duendes, elfos, trolls, anões, gigantes, sereias, ou gnomos, e geralmente mágicas ou encantamentos.

<sup>3</sup> Professor e escritor americano, entre as suas principais obras estão *Gerald's Party* (1986) e *Pinocchio in Venice* (1991).

<sup>4</sup> Escritora e jornalista britânica, entre suas obras publicadas há contos, romances, dramas, além de algumas obras infantis e ficcionais.

hoje faz parte da cultura literária de vários países do mundo e, mesmo com a publicação de suas diferentes versões/adaptações, não deixa de despertar o interesse do público leitor, em especial, o infanto-juvenil e o acadêmico. Isto se tornou realidade desde o momento em que a obra *Chapeuzinho Vermelho* passou a ser traduzida do francês de Perrault para outras línguas/culturas.

Com o aparecimento destas novas versões/traduições, notavam-se algumas diferenças peculiares no decorrer da historinha, entre a versão original e as versões traduzidas, ou seja, os tradutores fizeram estas modificações que foram indispensáveis para que houvesse receptividade por parte dos leitores das diferentes origens e/ou culturas.

## 2. A Tradução e a Literatura

As obras abrangidas pela Literatura, de um modo geral, apresentam traços e particularidades culturais em sua raiz. Com o tempo somos capazes até de identificar qual o autor, a região que ele mora/morou e o estilo de cada autor nas obras apenas através da sua arte, escrita, expressões e opiniões que deixam claro o seu posicionamento a respeito de algo e traços culturais. Muitas vezes estas particularidades são tão minuciosas que requerem uma análise detalhada e aprofundada. O escritor americano Lawrence Venuti (2008) defende que:

“para chamar um texto de *literário* é admiti-lo a um cânone de textos sobre a base de um interpretante, uma definição de literatura que funciona como padrão de julgamento literário, um texto dotado de valores acadêmicos (tornando um objeto de pesquisa), pedagógico (que pode ser adotado com recurso escolar), econômico (é comercializado por editoras acadêmicas e comerciais) e social (se torna um marcador de desempenho educacional e posição de classes)” (*Translation, Interpretation, Canon Formation*, In: *Translation and the Classic*, p. 37, tradução nossa).

A partir do momento em que o homem passou a escrever obras, a Literatura passou a existir no mundo, com os registros dos poemas épicos de *Homero*<sup>5</sup> até as obras contemporâneas nos dias atuais, isto é, há a possibilidade de haver muitas obras que se

---

<sup>5</sup> Poeta épico do século VIII a.C, da Grécia Antiga, a quem se atribui a autoria dos poemas *Ilíada* e *Odisséia*.

perderam e que não foram registradas para que hoje tivéssemos informações sobre elas. Pode-se dizer que a história da Tradução está diretamente vinculada à Literatura, pois a maior parte das obras abrangidas pela Literatura foram perpassadas para outras línguas para que outras culturas tivessem acesso ao acervo literário. Até mesmo antes de a Literatura passar a ser chamada de Literatura, a Tradução já tinha uma história, podendo correlacionar ao que Bassnett (1991) bem frisou, dizendo que “toda Literatura é Tradução em algum nível” (In: *Translation and the Classic*, p.159, tradução nossa).

Como os textos literários são carregados de valores culturais, neles encontramos a possibilidade de conhecer diversas culturas através do Intercâmbio Literário (IL), o que a escritora Staël (1821) defende como algo “necessário para a vida da sociedade e para a Literatura”, e também para a Tradução, pois é por meio desta que há a troca dos valores culturais que promovem o IL. Staël complementa: o IL “é revitalizante e enriquece o espírito nacional, ajuda a desenvolver a liberalização política e autonomia nacional” (In: *Gender in Translation Studies*, p. 61, tradução nossa).

Para que todos tenham acesso a um texto literário, alguns cuidados são indispensáveis para o tradutor que tem a missão de transportar uma obra de uma língua/cultura para outra, haja vista que o mesmo deverá fazer alterações pertinentes para não descaracterizar a obra, tais como a busca de palavras apropriadas para a obra nas línguas/culturas-alvo, a permanência de rimas, estilos, formas estruturais, aspectos e expressões culturais, entre outras. A adaptação também é fator de relevância na tradução de uma obra literária, em que o tradutor tem a tarefa de tornar a obra adequada para a cultura/público alvo. *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, publicada inicialmente em língua francesa, foi traduzida para várias línguas e adaptada para várias culturas, recebendo, assim, diferentes desfechos. Alguns trágicos, outros menos trágicos e não-trágicos de acordo com o que o tradutor considerou conveniente/ideal para a cultura/público-alvo.

No ato tradutório, o tradutor literário deverá se apropriar/seguir (d)os três princípios básicos defendidos por Tytler (1791), publicado no livro intitulado *The Principles of Translation* e mostrados abaixo:

- (1) A tradução deve transcrever, de forma completa, a ideia do trabalho original;

- (2) O estilo e a forma da escrita devem ser do mesmo caráter da obra original;
- (3) A tradução deve apresentar o mesmo nível de leitura da composição original. (In: *Translation studies*, p. 69, tradução nossa).

Para Toury (1978), “as atividades de tradução devem apresentar um significado cultural, ser capaz de desempenhar um papel social, para então, cumprir uma função atribuída por uma comunidade” (In: *A Companion to Translation Studies*, p. 18, tradução nossa).

### **3. Comparando versões: *Chapeuzinho Vermelho* contada por Perrault e pelos “Irmãos Grimm”**

Apesar das versões serem de Perrault e dos “Irmãos Grimm”, devemos levar em consideração que elas foram perpassadas das línguas francesa e alemã – as versões escolhidas e utilizadas neste trabalho foram traduzidas por Regina Reis Junqueira e Nilce Teixeira (ambas brasileiras), respectivamente – para o Português Brasileiro. Ou seja, os exemplares das obras em Português espalhados pelo Brasil carregam consigo “interferências” dos tradutores que traduziram estas obras, levando em consideração o que diz Wilss (1996), que cada tradução é “consideravelmente determinada pela personalidade do tradutor” (p. 5) e que a obra original “é manipulada pela visão de texto, seus usos, habilidades e experiências linguísticas, suas capacidades de resolver problemas, sua rotina, criatividade e sua empatia” (ibid:145) no processo tradutório.

Ao estabelecermos uma relação entre os elementos presentes nas duas versões de *Chapeuzinho Vermelho* (leia-se a de Perrault e a dos irmãos Grimm), fica evidente que uma das versões passou por um processo de adaptação da obra “original”, que é o caso da versão dos irmãos alemães que a publicaram posteriormente. Nessa perspectiva, fica entendido que todo processo de adaptação também é um processo de intertextualidade, definida por Marcuschi como uma:

“propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou grupo de textos determinado mantém com outros textos” (Dicionário de análise do discurso, 2004, In: Marcuschi – 2006).

Confrontando as duas versões em questão quanto ao cotexto, isto é, aspectos presentes no próprio texto, o que percebemos é a semelhança no enredo durante as

primeiras partes da narrativa, em que se apresentam as personagens e suas respectivas características, isto é, a Chapeuzinho Vermelho, menina doce, gentil e símbolo da inocência, sua mãe, designando a sabedoria de vivência e esperteza, sua avó, uma velhinha doce e adoentada, e o lobo, sinônimo de perigo; as ações de cada personagem e os diversos cenários, ou seja, a casa da Chapeuzinho, a floresta e a casa da avó. No entanto, a diferença expressiva no desfecho de cada narrativa acaba por influenciar diversos aspectos, tais como, a ausência/presença de um personagem-herói, o que, consequentemente altera o tamanho de cada versão, a tematicidade e efeitos no leitor.

*Chapeuzinho Vermelho*, versão escrita por Perrault, enfatiza a oposição entre a linhagem feminina, estendida em três gerações: filha, mãe e avó, e a presença de uma personagem do sexo masculino, representada unicamente pelo lobo, que revela ameaça, terror e violência, intensificados pelo desfecho trágico do enredo: “*E assim dizendo, o malvado lobo se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.*”, dando ao conto um cunho moralista e realista.

Diferentemente, os irmãos Grimm, durante o desfecho, inserem o caçador, personagem masculino, como o herói, deixando transparecer o entendimento de que nem todos os homens são maus e perigosos:

“(…) o caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

(…) “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido. Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.”

Além disso, nota-se que até mesmo os aspectos negativos presentes nessa versão são retratados de maneira suave, como por exemplo, o fato de o lobo não morrer, mesmo após sua barriga ter sido aberta e serem colocadas pedras dentro dela, prevalecendo uma temática onde o amor e a solidariedade se sobrepõem ao mal, e trazendo uma moral, sem precisar aterrorizar o público-alvo: Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu caminho”.

Ao considerarmos elementos contextuais, como por exemplo, a época em que as obras foram escritas, os valores defendidos, e o público a quem se dirigia, fica esclarecido que há uma distinção significativa com relação ao desfecho de cada obra.

*Chapeuzinho Vermelho* foi publicado inicialmente por Charles Perrault, no final do século XVII, para a corte do rei Louis XIV, que pretendia levar uma moral às moças, especialmente, as bonitas, finas e educadas, para que não fossem enganadas em ouvir estranhos, mesmo os que fingem ser gentis, representados pelo lobo. Mais especificamente, uma possível leitura, tendo em vista que era coloquialismo da época dizer que uma menina ao perder a virgindade tinha “visto o lobo”, é a de cunho sexual, visto que as moças deviam perceber os maus pretendentes, sedutores e perigosos que as “circundavam”.

A maneira violenta como Perrault escreve o conto também pode se dever ao fato de que no século XVII não se tinha a preocupação de se distinguir socialmente uma criança de um adulto: “Ela compartilhava com os adultos o mesmo tipo de roupa, os cômodos, o trabalho e também os ambientes sociais. (SHAVIT, 1999, p. 317)”. Apenas em meados do século XVII, gradativamente até o século XIX, época em que os irmãos Grimm fazem a adaptação de *Chapeuzinho Vermelho*, acontecimentos como a Revolução Industrial, a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida, contribuem para que se desenvolva a noção social de infância, tendo os contos como um instrumento educativo e disciplinador.

Outra explicação a ser considerada é a de que além de os irmãos Grimm escreverem a obra em um período em que se reconhecia a sensibilidade da mentalidade de uma criança a certas situações, havendo a preocupação de não traumatizar o leitor infantil, o século XIX se destaca como o auge do Romantismo, corrente estética que trouxe ao mundo um caráter mais sentimentalista e humanitário, destacando o maravilhoso da vida, agradando, portanto, a nova versão de *Chapeuzinho Vermelho*, tanto ao público infantil quanto ao público adulto.

#### **4. Considerações finais**

No início deste artigo, fizemos algumas considerações sobre o surgimento da obra *Chapeuzinho Vermelho*, bem como de suas versões. Em seguida, abordamos a importância da Literatura, contextualizando-a com as contribuições da Tradução, visto que estas duas áreas se relacionam e possuem uma história juntas desde as primeiras obras literárias traduzidas.

A partir do estudo realizado neste trabalho, pudemos perceber a força cultural que está impregnada nos textos literários, mais especificamente, no conto adotado como de caráter infanto-juvenil *Chapeuzinho Vermelho*, contemplado no mundo todo, cujas versões selecionadas – do escritor francês *Charles Perrault* e dos “irmãos Grimm” – foram estudadas de maneira crítica-comparativa, destacando algumas permanências e mudanças no enredo, principalmente durante o desfecho e escolha das personagens que estão relacionadas com a cultura a qual foi dirigida. Além disso, consideramos as possíveis leituras e efeitos no público-leitor. Portanto, observamos que todos estes aspectos estudados foram, também, possíveis graças aos estudos tradutórios que possibilitaram o acesso da obra nas diversas culturas.

#### **Referências Bibliográficas**

BASSNETT, Susan. In: LIANERI, Alexandra; ZAJKO, Vanda, *Translation and the Classic*. New York: Oxford, 2008, p. 159.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 204.

DARTON, R. *O grande massacre de gatos*. 2.ed. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 21.

GRIMM, Irmãos. *Chapeuzinho Vermelho*. 6ª ed. Tradução Nilce Teixeira. São Paulo: Ática, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault*. Tradução: Regina Reis Junqueira. Belo Horizonte: Vila Rica, 1999.

PROPP, V.I. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Tradução: Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

SHAVIT, Zohar. *The concept of childhood and children's folktales: test case – 'little red riding hood'*. In: TATAR, Maria. (ed.) *The classic fairy tales: a norton critical edition*. New York: W. W. Norton & Company Inc, 1999, p. 317 – 332.

STAËL, Germaine de. In: SIMON, Sherry. *Gender in Translation Studies: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London: Routledge 1996, p. 61.

TOURY, Gideon. In: *A Companion to Translation Studies - Culture and Translation*. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2007, p.18.

VENUTI, Lawrence. In: *Translation and the Classic*. United States: Oxford University Press, 2008, p. 37.

WILSS, Wolfram. *Knowledge and Skills in Translator Behaviour*, Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins Publ., 1996.